

A africada surda e a semivocalização da lateral: um estudo sociolinguístico¹

Joana Aguiar¹
joanaguiar@ipb.pt

¹ *Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*
Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho

Resumo

Neste trabalho, analisamos a ocorrência da africada surda e da semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, a partir de entrevistas espontâneas recolhidas nos cinco concelhos que constituem a Terra Quente Transmontana. Os entrevistados são falantes adultos, estratificados de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade. A africada surda ocorreria no discurso oral, até meados do século XVIII, em palavras grafadas com <ch>, derivadas dos grupos consonânticos latinos CL-, PL-, FL- (Maia, 1986). Atualmente, a ocorrência da africada surda está cristalizada lexicalmente e ocorre no português oral em Trás-os-Montes e no mirandês. O fenómeno de semivocalização da lateral em pronomes e determinantes resulta da conjugação de aspetos fonológicos e morfológicos aplicados a itens lexicais de alta frequência. Os fenómenos em análise são socialmente estigmatizantes e estão associados a regiões do interior de Portugal e a falantes idosos. Surgem, inclusive, descritos nos trabalhos de Vasconcellos (1890-1892, 1985) como elementos que caracterizam a “linguagem popular” de Trás-os-Montes. Os resultados permitem-nos concluir que a africada é realizada maioritariamente por falantes com mais de 65 anos (95%) e em falantes não escolarizados (55%). Quanto aos fatores linguísticos, é notória a importância do léxico na manutenção da africada surda, na medida em que 88% das ocorrências podem ser agrupadas em apenas cinco grupos de frequência: formas verbais de *chamar*, *chegar* e *chorar*; formas derivadas do adjetivo *pequeno*; e formas regionais, como *chícharos* ou *chorros*. No que diz respeito à semivocalização da lateral, é também nos falantes com mais de 65 anos de idade que este processo é mais comum, tendo, também, sido registada a sua ocorrência em falantes na faixa etária [36-50]. Verificou-se que estes falantes são provenientes de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé, concelhos próximos da área de difusão do mirandês, língua onde este fenómeno também ocorre. Esta constatação sugere que a manutenção da realização da semivogal (em detrimento da lateral) em falantes cuja produção linguística é tipicamente mais próxima da variedade dita *normativa* (Eckert, 1997) poderá ser explicada através da proximidade com a área de difusão de uma língua que conserva a semivocalização em determinantes e pronomes.

Palavras-Chave: Variação sociolinguística, Africada surda, Semivocalização da lateral.

Abstract

In this article we analyse two processes: (i) the occurrence of the voiceless affricate; and (ii) the semivocalization of the lateral in pronouns and determiners. This study was conducted according to the sociolinguistics methodology. The data collected is composed

¹ Trabalho baseado na Tese de Mestrado *Unidades e Processos fonológicos no falar da Terra Quente Transmontana: contributos para a linguística forense* (Aguiar (2008) – não publicado).

Gostaria de agradecer os comentários e as correções propostas pelos revisores anónimos. Qualquer lacuna ou imprecisão é da minha responsabilidade.

by informal conversations of 100 adult speakers, stratified according to sex, age, and level of education. The voiceless affricate would have occurred in the spoken discourse until the middle of the 18th century, in words written with <ch> derived from the Latin consonant cluster CL-, PL-, FL- (Maia, 1986). Presently, the voiceless affricate is crystalized in some lexical items, and it occurs in the oral Portuguese spoken in Trás-os-Montes and in Mirandese. The semivocalization of the lateral in pronouns and determiners is the result of phonological and morphological aspects applied to high frequency lexical items. Both phenomena under analysis are socially stigmatized and are often associated with older speakers living in the North Interior of Portugal. They were even actually described as features that characterize the ‘popular language’ of Trás-os-Montes in the work of Vasconcellos (1890-1892, 1985). The results of the *corpus* analysis lead us to conclude that the voiceless affricate occurs mainly in the oral production of informants above 65 years old (95%) and in illiterate informants (55%). In relation to the linguistic factors, the lexicon is of paramount importance in the preservation of the voiceless affricate, as 88% of the occurrences may be classified into five classes: forms of the verbs *chamar* ‘to call’, *chegar* ‘to arrive’, and *chorar* ‘to cry’; forms of the adjective *pequeno* ‘small’; and regional forms, such as *chicharos* (regional term to designate ‘black-eyed peas’) or *chorros* (regional term to designate ‘flush’). The semivocalization of the lateral is also more frequent in informants above 65 years old, although its occurrence is also registered in the informants between 36 and 50 years old. These speakers are from Macedo and Alfândega, municipalities located near the area of diffusion of Mirandese, a language in which the semivocalization occurs. This seems to suggest that the realization of the semivocalization (instead of the lateral) in speakers that should have a more *normative* performance (Eckert, 1997) may be explained by the geographic proximity with the area of diffusion of a language that preserves the semivocalization in determinants and pronouns.

Keywords: Sociolinguistic Variation, Voiceless affricate, Semivocalization of the lateral segment.

1. Introdução

Nas últimas décadas, a Sociolinguística Variacionista trouxe novas questões aos estudos linguísticos, ao incluir a análise de variáveis externas ou sociais na explicação de processos de variação e mudança linguística. No campo da variação fonético-fonológica, apesar de terem já sido elaborados inúmeros estudos variacionistas para o português do Brasil, os trabalhos para o português europeu (PE) encontram-se, ainda, muito circunscritos às zonas urbanas (Rodrigues, 2003; Barbosa *et al.*, 2017; entre outros) ou a comunidades rurais próximas de polos urbanos (Cardoso, 1999; Santos, 2003). Com este trabalho analisamos dois processos fonológicos a partir de um *corpus* oral estratificado, constituído para o efeito, recolhido na Terra Quente Transmontana, doravante TQT, uma área geográfica do nordeste de Portugal, marcadamente rural.

2. Objetivos

O presente trabalho tem como objetivos: (i) contribuir para a descrição de dois processos fonológicos: a manutenção da africada surda e a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes; (ii) observar a sua distribuição por grupos de falantes à luz da sociolinguística variacionista; e (iii) verificar a importância dos fatores sociais na manutenção e variação observadas.

3. Os processos em análise

3.1. A manutenção da africada surda [tʃ]

A oposição existente no Português Antigo entre /tʃ/ e /ʃ/ deixou de se verificar na grafia a partir do século XVIII no sul do país e na oralidade, na “norma culta”, no século XIX (Vasconcellos, 1901; Boléo, 1974; Pinto, 1980/1981; Maia, 1986; Castro, 1991; Martins e Saramago, 1993; Prista, 1994; entre outros). Verifica-se, porém, que a produção da africada surda ocorre ainda no português oral do norte do país, mais concretamente na TQT. Também no mirandês se mantém a produção da africada surda (Martins, 2005). Segundo os trabalhos dialetológicos e filológicos já mencionados, a realização da africada surda ocorreria no discurso oral, até meados do século XVIII¹, em palavras grafadas com <ch>², derivadas dos grupos consonânticos latinos CL-, PL- e FL-.

Atualmente, no registo escrito, a africada surda como “tch” surge propositadamente em textos publicados na blogosfera e nas redes sociais. Para além destes registos, a utilização da africada surge também em textos literários e em inúmeros relatos sobre as gentes transmontanas ou episódios ocorridos em Trás-os-Montes.

3.2. A semivocalização da lateral

O fenómeno de semivocalização aqui apresentado ocorre apenas em determinantes e pronomes. Mais especificamente, a lateral encontra-se sempre em posição intervocálica e apenas semivocaliza quando o pronome/determinante é masculino plural, *i.e.*, *eles*>*eis*, *aqueles*>*aqueis*, *deles*>*deis*, *naqueles*>*nasqueis*.

Considerando os contextos acima, é apenas possível explicar a realização da semivogal, em detrimento da lateral, se atendermos à forma arcaica do pronome *ele*. Assim, em *el*³ (Maia, 1986; Martins, 2005), a lateral encontra-se numa posição de coda, passível de semivocalizar após a afixação do morfema de plural. Neste sentido, propõe-se que, em *eis*, *aqueis*, *deis* e *nasqueis*, a lateral assimila o traço de recuo da fricativa, semivocalizando. Por sua vez, a semivogal forma um ditongo com a vogal precedente, como acontece em *papel*>*papéis* ou *pincel*>*pincéis*. Em formas como *eles* ou *aqueles*, o contexto é propício à realização da semivogal; em *elas* ou *aquelas* o marcador de género está preenchido entre a lateral e o morfema de plural, o que impede a semivocalização da lateral. À predisposição contextual para a semivocalização da lateral verificada em palavras como *eles* ou *aqueles*, acrescenta-se a elevada frequência das formas pronominais e determinantes, sujeitas, por isso, a redução (Vigário, 2003). Em suma, o fenómeno de semivocalização aqui descrito resulta da conjugação de aspetos fonológicos e morfológicos aplicados a itens lexicais de alta frequência (*eles*, *aqueles*, *deles* e *naqueles*).

¹ De acordo com Castro (1991, p. 31), “Durante toda a Idade Média, e no período clássico, até ao século XVIII, existiu uma perfeita distinção no português entre as pronúncias de palavras com /tʃ/, que soava como africada, e palavras com /ʃ/, de realização fricativa. Foi também no português do sul do país que se desenvolveu a inovação que consistiu no desaparecimento da africada e na pronúncia de /ʃ/ como /tʃ/.” Esta inovação relativamente tardia só é registada, no português padrão de Lisboa, em meados do século XVIII.”

² Segundo Maia (1986, p. 469), a africada surda poderia ter sido igualmente grafada como <x> em textos galegos e lioneses.

³ Veja-se que as formas *el* e *él* se mantêm no mirandês, assim como no castelhano e no galego, respetivamente.

4. Metodologia

De forma a analisar a produção dos processos fonológicos já descritos, procedeu-se à recolha de conversas espontâneas de 100 falantes da Terra Quente Transmontana (ver Tabela 1). A seleção dos informantes e a recolha de amostras de fala seguiram os pressupostos metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana (Labov, 1991, entre outros; Tagliamonte, 2012). Como tal, a mostra é socialmente estratificada, tendo em consideração as seguintes variáveis sociais ou não linguísticas: localização geográfica (concelho), escolaridade, idade e sexo dos falantes.

Tabela 1: Relação de falantes

Escolaridade		Alfabetizados								Sem alfabetização		Total
		20-35		36-50		51-65		>65		>65		
Idade		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Concelhos	Alfândega da Fé	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Carrazeda de Ansiães	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Macedo de Cavaleiros	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Mirandela	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
	Vila Flor	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
Total		10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	100

4.1. Área geográfica em análise

A região da Terra Quente Transmontana ocupa parte do Nordeste Transmontano, sendo constituída por cinco concelhos: Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor (ver Figura 1). Esta região é delimitada a Nordeste e a Este pela área de difusão do mirandês, área linguística e geográfica que, como veremos, poderá explicar a manutenção de determinadas formas fonético-fonológicas e lexicais.



Figura 1: Mapa da Terra Quente Transmontana

[Fonte: <https://www.esmartcity.es/comunicaciones/terra-quente-transmontana-territorio-rural-digital> (outubro, 2018)]

4.2. O corpus em análise

A recolha linguística foi feita em contexto natural, não insonorizado ou tratado, tendo sido acrescentadas quinze gravações¹ realizadas nos concelhos de Vila Flor e Carrazeda de Ansiães cedidas por uma rádio local (Rádio Ansiães-98.1FM).

Cada recolha tem uma duração variável, sendo apenas utilizados para análise quatro a cinco minutos por falante. Foram realizadas 104 entrevistas, num total de 14 horas e 34 minutos, das quais se aproveitaram 85 entrevistas, num total de 11 horas e 59 minutos. Como já referimos, a estas acrescentámos quinze entrevistas disponibilizadas pela Rádio Ansiães, num total de 1 hora e 06 minutos.

Na esteira dos pressupostos da Sociolinguística, não foi estabelecido nenhum protocolo de entrevista, de forma a recolher o mais fielmente possível a fala espontânea, registo mais permeável a mecanismos de supressão, adição ou transformação de estruturas fonológicas. Desta forma, visou-se potenciar a ocorrência de fenómenos normalmente realizados pelos falantes, por um lado, e evitar uma produção forçada próxima da variedade *normativa*, por outro. Os temas das conversas variam de acordo com a idade do falante e da predisposição deste, sendo comum a temática das lendas ou contos, a lida no campo, a atividade profissional, o passado e a escola. Em nenhum caso se recolheu a fala de falantes a trabalhar ou a estudar fora da região de Trás-os-Montes, nem a residir fora dos concelhos em análise. Todos os falantes com menos de 65 anos são profissionalmente ativos. Considerando que esta região assiste, desde há décadas, a movimentos (e)migratórios constantes, não foram considerados informantes que tenham (e)migrado por um período superior a doze meses nos últimos trinta anos.

4.3. Variáveis Externas

Neste trabalho considerámos apenas as variáveis: origem geográfica (identificada por concelho), grau de instrução (alfabetizado/não alfabetizado), sexo e intervalo etário ([20-35],[36-50],[51-65],[>65]).

4.3.1. Origem Geográfica

Entende-se por origem geográfica não só a origem administrativa do falante, mas todos os aspetos demográficos, sociais, geográficos e económicos que caracterizam a área em estudo, seja ela uma freguesia, um concelho ou outra área administrativa. A propósito da importância dos aspetos demográficos e económicos na mudança linguística, veja-se Trudgill (1974) e Britain (2005).

No que diz respeito à área da Terra Quente Transmontana, é visível o peso demográfico da população residente nas cidades (Macedo e Mirandela), áreas dotadas de mais serviços e indústrias, acessos rodoviários e cultura. Note-se que a maioria dos habitantes dos concelhos da TQT está ligada ao setor primário. Por esta razão, o trabalho no campo e as culturas são tema recorrente nas recolhas linguísticas realizadas.

4.3.2. Escolaridade

O nível de alfabetização dos informantes oscila entre o 4.º ano de escolaridade e o 12.º ano, tendo sido excluídos os falantes com licenciatura finalizada. Apenas cinco informantes se encontravam a frequentar o primeiro ano do ensino superior. Mais precisamente, os informantes eram alunos do Instituto Politécnico de Bragança que

¹ Estas gravações foram realizadas para um programa de rádio, *Vozes da Terra* e, tal como as restantes gravações, não têm uma estrutura rígida, promovendo a fala espontânea, abarcando temas como o dia-a-dia do falante, contos e lendas, estórias ou anedotas, recordações e relatos.

residiam fora dos concelhos em análise. No caso dos falantes não alfabetizados, todos têm mais de 65 anos.

4.3.3. Sexo

A variável sexo/género¹ tem sido largamente analisada em trabalhos realizados no âmbito da sociolinguística variacionista (veja-se a este propósito Coates, 2016; e Coates & Pichler, 2011; entre outros).

As diferenças entre falantes do sexo feminino e masculino começam a ser notadas na infância ainda antes do desenvolvimento físico diferenciado do trato vocal². Para além das diferenças fisiológicas que influenciam a produção verbal, segundo Foulkes e Docherty (2006, pp. 411-412), “To some extent, then, girls and boys *learn* to use distinct patterns of phonetic realization.”

Labov (1990) enumera três princípios, elaborados a partir dos estudos variacionistas anteriores, que serão basilares na abordagem da variável sexo e a sua influência da variação linguística. De acordo com o autor, as formas não *standard* são mais utilizadas pelos falantes masculinos. Pelo contrário, espera-se que as mulheres usem mais formas *de prestígio* do que os homens quando a mudança é iniciada pelas classes sociais dominantes. Também quando se assiste a um fenómeno de mudança provocado pelo estatuto social, identidade local ou de grupo, as mulheres tendem a ser mais inovadoras.

4.3.4. Idade

A variável *idade* é aquela que, de uma maneira geral, cataloga os indivíduos quanto ao seu papel na sociedade: dependente (<18 anos); ativo (18-65 anos) e aposentado (>65 anos). Sabe-se que a idade é um fator importante na aquisição e desenvolvimento linguístico, na adopção de formas inovadoras, no caso dos adolescentes (Eckert 1997); ou mais próximas do *standard*, no caso de adultos ativos. Eckert (1997) refere, também, que as mulheres, à medida que envelhecem e deixam de ser profissionalmente ativas, tornam-se menos *normativas*.

No nosso estudo optámos por estudar apenas falantes adultos com mais de vinte anos. Estes foram divididos, de acordo com a sua idade, em intervalos de quinze anos, com o objetivo de construir um estudo linguístico em *tempo aparente* (Labov 1991), *i.e.*, um estudo linguístico através de diferentes gerações, de forma a prever o comportamento diacrónico de um dado fenómeno. Assim, contemplámos os seguintes intervalos etários: [20-35], [36-50], [51-65], e [>65].

4.4. Tratamento Estatístico

O cruzamento das variáveis consideradas na análise dos processos fonológicos já descritos foi feito através do programa estatístico para análise de processos de variação e mudança linguística, Goldvarb 2001³.

¹ A utilização dos termos sexo ou género tem sido objeto de discussão, por razões biológicas sociais, culturais ou formais, que não abordaremos aqui. Veja-se a este propósito Cheshire (2002). No presente trabalho, optámos pela designação *sexo*.

² Como refere Foulkes (2006), “Children are not differentiated by the obvious variation in anatomy and physiology that adults are, and yet it seems that gender-correlated patterns of phonological variation are learned relatively early in childhood.”

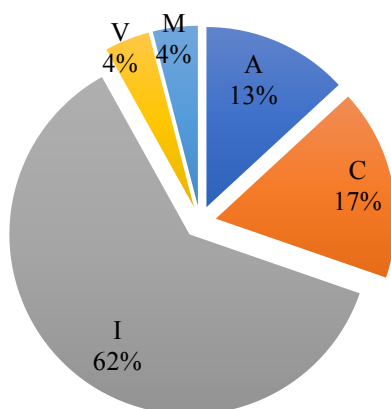
³ http://www.romanistik.uni-freiburg.de/pusch/Download/variacionismo/GoldVarb2001_User_manual.pdf

5. Resultados

Na secção seguinte apresentamos os resultados do cruzamento das variáveis para os dois processos fonológicos já descritos.

5.1. A manutenção da africada surda

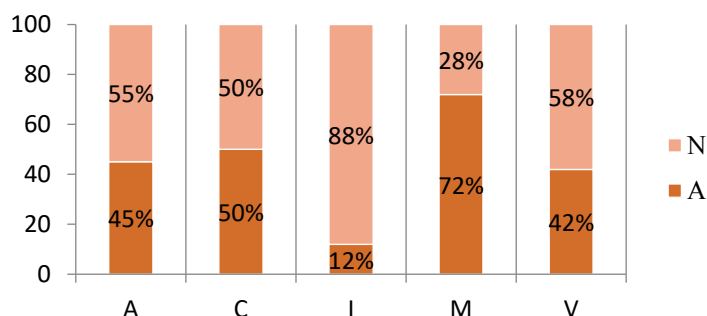
Foram identificadas 68 ocorrências onde a fricativa [ʃ] tem realização como [tʃ]. A distribuição por concelho (cf. Figura 1) mostra-nos que a africada é produzida mais vezes nos concelhos de Vila Flor (28%), Macedo de Cavaleiros (26%) e Mirandela (24%). Apenas 16 % das ocorrências se registaram em Alfândega e em Carrazeda de Ansiães este fenómeno é residual (apenas 6% das ocorrências são realizadas por falantes de Carrazeda de Ansiães).



Legenda: (A) Alfândega; (C) Carrazeda; (I) Mirandela; (M) Macedo e (V) Vila Flor.

Figura 1 - Gráfico de distribuição por concelho da africada surda

No que diz respeito à distribuição por nível de escolaridade do falante, verifica-se que a escolaridade (N- não alfabetizados; A- Alfabetizados) dos informantes não é determinante para a produção da africada: apenas 55% das ocorrências foram produzidas por falantes não alfabetizados. Uma leitura cruzada dos dados relativos ao concelho de origem dos informantes com a escolaridade (ver Figura 2) revela que, em Macedo, a africada é mais realizada por falantes alfabetizados (72%), enquanto que nos concelhos de Mirandela, Alfândega e Vila Flor, a percentagem de realização de [tʃ] é superior nos falantes não alfabetizados. Em Carrazeda, a percentagem de ocorrência da africada por escolaridade do falante é a mesma (50%) (v.p. 0,015).



Legenda: Falantes não alfabetizados (N) e alfabetizados (A).

Concelho de origem: (A) Alfândega; (C) Carrazeda; (I) Mirandela; (M) Macedo e (V) Vila Flor.

Figura 2 - Gráfico de realização da africada surda de acordo com a escolaridade e o concelho de origem do informante

A distribuição por idade revela, no entanto, que 94% das ocorrências são produzidas por falantes com mais de 65 anos (ver Figura 3), o que poderá indicar que a realização da africada desaparecerá em poucas décadas. Tendência semelhante no que diz respeito à distribuição do fenómeno por idade e escolaridade do falante é relatada em Santos (2003). No entanto, e tal como verificado em Santos (2003), a africada ainda é realizada por falantes jovens escolarizados, como acontece com um falante de Vila Flor com menos de 35 anos e com o 12.º ano de escolaridade: *é tcheia de mania*.

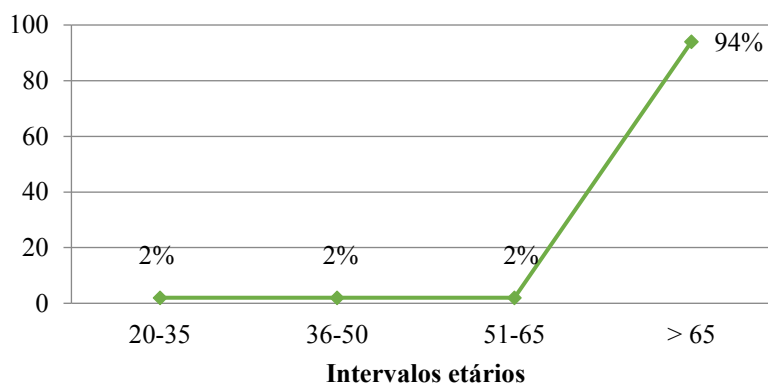


Figura 3: Gráfico da percentagem de realização da africada surda por intervalos etários

A análise da variável sexo (57% de ocorrências em falantes do sexo masculino e 43% de ocorrências em falantes do sexo feminino) revela que este fator não influencia de forma significativa a produção da africada. De qualquer modo, a percentagem de ocorrência da africada em falantes do sexo masculino é superior ao valor apresentado em Santos (2003) para Vila Pouca do Campo (Coimbra). Neste estudo, é nas falantes do sexo feminino que a ocorrência da africada é (ainda que ligeiramente) mais frequente (55%).

Para além das variáveis externas consideradas, a componente lexical é um fator preponderante para explicar a cristalização da africada surda em determinadas zonas geográficas. Relativamente à noção de léxico e à sua importância na manutenção de processos fonológicos e morfológicos, veja-se o trabalho de Bybee (1998, entre outros) e Bybee e Hopper (2001).

A análise das formas lexicais onde a africada ocorre revela que 88% dos dados recolhidos podem ser agrupados em apenas três grupos de frequência: (i) formas verbais dos verbos chamar, chegar e chorar; (ii) formas derivadas do adjetivo pequeno/a; (iii) formas lexicais regionais, como *chícharos* (feijão frade). Verifica-se, também, que a realização da africada ocorre em itens lexicais provenientes do castelhano, como *chorro*, *rancho* e *rachar*. De referir, ainda, que as formas derivadas do adjetivo *pequeno*, as formas regionais e as formas do verbo *rachar* nunca são realizadas, no nosso *corpus*, com a fricativa [ʃ], o que poderá indicar que nestas palavras a realização da africada está cristalizada. O facto de a africada ocorrer em itens lexicais circunscritos tinha sido já apontado por Pinto (1980/1981), que apoiou os seus estudos no Inquérito Linguístico Boléo (1974, 1975).

5.2. A semivocalização da lateral

No *corpus* recolhido, a semivocalização da lateral ocorre apenas em pronomes ou determinantes masculinos plurais, contraídos ou não com preposições (ver Tabela 2).

Tabela 2: Realização da lateral como semivogal por item lexical

Item lexical	Contexto
eis	eis é assim
	eis faziam-me assim
	e eis diziam-me assim
	pois eis não tinham estudado
	e eis não tinham
	eis pagavam pouco
	bater a eis
	e eu para eis
	mas eis eram (2)
	com eis (4)
aqueis	e eis estão todos muito bem
	porque eis morreram (2)
	bem se bê o que eis são
aqueis	aqueis danços
	pronto aqueis passaram
	aqueis medeiros de palha
deis	tratam da bida deis
nasqueis	nasqueis anos

A semivocalização da lateral em formas pronominais e em determinantes tinha sido já registada por Vasconcellos (1890-1892) como uma marca do então denominado *dialecto transmontano*, mais propriamente da freguesia de Matela (Vimioso) e Parada de Infanções (Bragança). Mais tarde, na obra póstuma *Opúsculos* (1985), este fenómeno surge descrito para a freguesia de Tralhariz (Carrazeda de Ansiães), Torre de Dona Chama (Mirandela) e Salselas (Macedo de Cavaleiros). Em relação a Salselas, refere Vasconcellos (1985, p. 168) que “o plural do pronome *el* é *eis* e de *aquel asqueis*”. A existência deste fenómeno surge também na descrição morfológica feita para Bragança, Vinhais, Valpaços, Vimioso e Mogadouro. No *corpus* recolhido, verifica-se que a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes está mais difundida no concelho de Mirandela (61%). Em Carrazeda e Alfândega, a percentagem de ocorrência é menor: 18% e 13%, respetivamente; e, nos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Vila Flor, a percentagem de ocorrência da semivocalização da lateral é de apenas 4%.

O cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade* (cf. Figura 4) mostra que o fenómeno ocorre mais vezes nos falantes não alfabetizados do sexo masculino. Dentro dos falantes alfabetizados, o fenómeno é mais visível no grupo dos falantes do sexo feminino (v.p. 0,02).

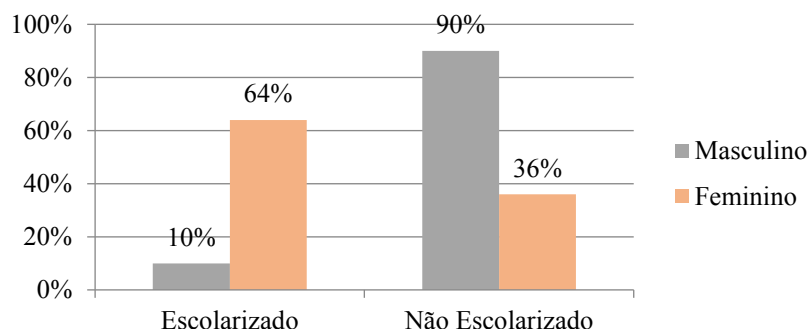


Figura 4: Gráfico de realização da semivocalização da lateral de acordo com a escolaridade e o sexo do informante

No que diz respeito à distribuição do fenómeno por sexo do falante, não foram registadas diferenças estatísticas (52% de ocorrências nos falantes do sexo masculino e 48% nos falantes do sexo feminino).

A distribuição por idade (ver Figura 5) mostra que a semivocalização da lateral ocorre apenas em falantes com mais de 65 anos e em falantes entre os 36 e os 50 anos. Nos falantes com idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos, as formas *eis*, *nasqueis* e *aqueis* têm a mesma percentagem de ocorrência (33%), enquanto que nos falantes com mais de 65 anos a realização de *eis* representa 85% do total de ocorrências (v.p. 0,03).

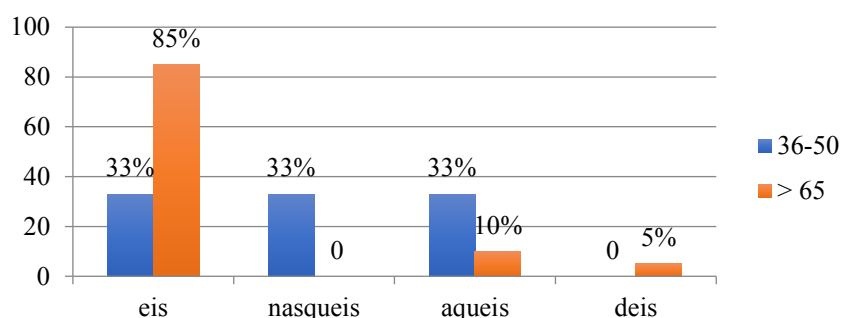
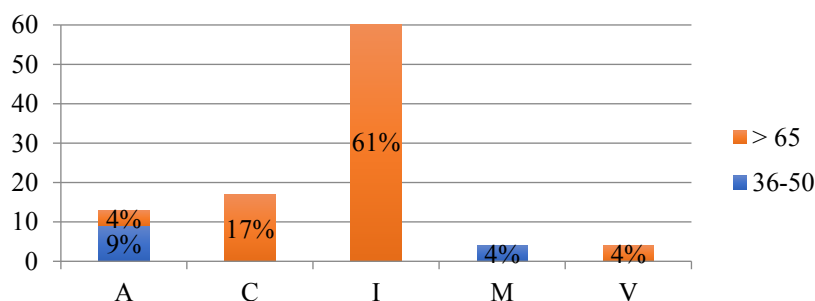


Figura 5: Gráfico de distribuição das formas semivocalizadas por idade do informante

Por fim, o cruzamento idade / concelho (ver Figura 5) mostra que são os falantes com mais de 65 anos de Mirandela que mais vezes realizam estas formas (61%). A semivocalização da lateral só ocorre nos falantes com idades entre os 36 e os 50 anos provenientes de Macedo e Alfândega (9% e 4%, respetivamente).



Legenda: Concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

Figura 6 – Gráfico de semivocalização da lateral de acordo com o intervalo etário e o concelho de origem do informante

6. Discussão dos resultados

A manutenção de formas arcaicas, como a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, é mais consistente em falantes com mais de 65 anos, o que poderá ser indicativo do seu desaparecimento nas gerações futuras. Em contraste, é nos falantes profissionalmente ativos que se assiste, por um lado, a uma maior normatização linguística e, por outro, se verifica a introdução de inovações, provocadas pela pressão do mercado de trabalho e pela importância dada à linguagem como um bem simbólico (Bourdieu, 2004). Paradoxalmente, como referido anteriormente, encontramos registos da africada surda, grafada propositadamente como “tch”, em textos redigidos por falantes ativos e publicados na blogosfera e nas redes sociais. Podemos distinguir neste uso dois propósitos: (a) salientar a interioridade geográfica e a ruralidade; e (b) afirmar a identidade regional. O facto de a grafia ‘tch’ surgir, nas redes sociais, com o intuito de vincar a identidade regional pode ser entendido como uma forma de reação à pressão *normativa*. A este propósito, veja-se o trabalho de Labov (1991), segundo o qual a centralização de [aw] e [ay] ocorria nos habitantes jovens da ilha Martha’s Vineyard como reação às pressões externas que ameaçavam a identidade da ilha.

Em relação à semivocalização da lateral, 60% das ocorrências foram observadas em falantes não alfabetizados e 40% em falantes alfabetizados. Como é sabido, este fenómeno não ocorre na ortografia, o que poderá explicar a sua preponderância em falantes que não estiveram expostos a processos de alfabetização e normatização ortográfica.

Dentro da área geográfica da Terra Quente verificou-se que a distribuição dos processos em análise neste trabalho não é uniforme. Assim, os valores obtidos para a distribuição do processo de semivocalização da lateral pela variável concelho (v.p. 0,002) poderão apontar para a importância do contacto linguístico com outras línguas. Veja-se que a distribuição deste fenómeno por idades divide os concelhos em análise em dois: aqueles onde este fenómeno ocorre nos falantes entre 36 e 50 anos (Alfândega e Macedo) e aqueles onde este fenómeno só se registou nos falantes com mais de 65 anos (Carrazeda, Vila Flor e Mirandela). De notar que Alfândega e Macedo de Cavaleiros são os concelhos que maior contacto geográfico estabelecem com a área de difusão do mirandês, língua onde este fenómeno também ocorre. A proximidade com a área de difusão do mirandês parece, assim, conservar a realização da semivocalização em faixas etárias tipicamente mais próximas da variedade *standard*. De notar, porém, que a variação (e a possível mudança linguística) não é feita de forma uniforme, podendo coexistir, no mesmo espaço, várias variantes (Hinskens *et al.*, 1997).

A semivocalização da lateral poderá ainda ser explicada pelo facto de este processo ocorrer em itens de elevada frequência. Segundo Bybee e Hopper (2001), os itens lexicais de alta frequência com construções morfológicas irregulares, porque mais facilmente acessíveis, são mais resistentes a processos de mudança e, ao mesmo tempo, menos afetados pela regularização de paradigmas. Considerando que: (i) os pronomes e determinantes são itens lexicais de alta frequência; (ii) a afixação do morfema de número a palavras terminadas em *el* implica a semivocalização da lateral; (iii) as formas *eis*, *aqueis*, *deis*, *nasqueis*, foram já documentadas como pertencentes a um estágio anterior do PE; conclui-se que, nestes casos e nestes falantes, o paradigma de plural não sofreu o processo de regularização, verificando-se a semivocalização da lateral, como ocorre nos outros itens lexicais terminados em *-el*.

7. Conclusão

Para a explicação da manutenção dos processos em análise é indiscutível o papel dos fatores linguísticos, tais como os aspetos fonológicos, morfológicos e lexicais, que fornecem pistas sobre os mecanismos linguísticos subjacentes ao processo de mudança e manutenção destas formas. Em paralelo, verificou-se que as variáveis sociais permitem também explicar a variação observada nos processos aqui abordados. De forma clara, a variável idade permite delinear uma tendência para o desaparecimento dos processos abordados, ainda que, no caso da africada surda, permaneçam ecos da sua manutenção em faixas etárias mais baixas. Da mesma forma, a alfabetização concorre para a não produção de formas arcaicas e estigmatizantes.

Não foram encontradas evidências estatísticas que indiquem que o sexo do informante seja determinante para a explicação da manutenção e variação dos processos em análise.

8. Referências

- Aguiar, J. (2008). *Unidades e Processos Fonológicos na Região da Terra Quente: contributos para a Linguística Forense*, Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Barbosa, P., Paiva, M. da C. & Rodrigues, C. (2017). (Orgs.) *Studies on Variation and Change in Varieties of Portuguese*. John Benjamins.
- Boléo, P. (1974). *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Volume I. Tomo I. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra.
- Boléo, P. (1975). *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Volume I. Tomo II. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra.
- Bourdieu, P. (2004). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Britain, D. (2005). Space and Spacial Diffusion. In J. K. Chambers & N. Schilling (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change* (pp. 603-637). Blackwell Publishing.
- Bybee, J. (1998). The emergent lexicon. *Chicago Linguistic Society 34: The Panels*, pp. 421-435.
- Bybee, J. & Hopper, P. (Eds.) (2001). *Frequency and the emergency of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Cardoso, J. (1999). *Sociolinguística Rural - A Freguesia de Almalaguês*. Estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Volume 27. Edições Colibri.
- Castro, I. (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cheshire, J. (2002). Sex and gender in variationist research. J. K. Chambers, P. Trudgill, & N. Schilling (eds.), *Handbook of Language Variation and Change* (pp. 423-43). Oxford: Blackwell,
- Coates, J. & Pichler, P. (2011). *Language and gender: a reader*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Coates, J. (2016). *Women, men and language: a sociolinguistic account of gender differences in Language*. Third Edition. London: Routledge.
- Eckert, P. (1997). Age as a Sociolinguistic Variable. In Coulmas, F. (ed.) *The handbook of sociolinguistics* (pp. 151-167). Blackwell.
- Foulkes, P. (2006). Phonological variation – a global perspective. In B. Aarts & A. McMahon (eds.) *Handbook of English Linguistics* (pp. 625-669). Oxford Blackwell.
- Foulkes, P. & Docherty, G. (2006). The social life of phonetics and phonology. *Journal of Phonetics*, 34, pp. 409-438
- Hinskens, F., van Hout, R., & Wetzels. L. (Eds.) (1997) *Variation, Change, and Phonological Theory*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

- Labov, W. (1990). The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change* 2, 205-254.
- Labov, W. (1991). *Sociolinguistic Patterns*. Eleventh edition. University of Pennsylvania Press. Philadelphia.
- Maia, C. (1986). *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Iniciação Científica.
- Martins, A. M. & Saramago, J. (1993). As sibilantes em português: um estudo de geografia linguística e de fonética experimental. In R. Lorenzo (ed.) *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía* (pp. 121-142). A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- Martins, C. (2005). El mirandès front al portugués I el castellà. Elements per a una breu caracterització lingüística I sociolingüística d'una llengua minoritària. *Anuari de l'Agrupación Borriana de Cultura. Revista de Recerca Humanística I Científica*, 16, 81-95.
- Pinto, A. (1980/1981). A africada /ç/em português: estudo sincrónico e diacrónico. *Boletim de Filologia XXVI 1980/1981*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Instituto Nacional de Investigação Científica, 139-192.
- Prista, L. (1994). Tentativa de cenário para tš > š. In *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade* (pp. 183-226). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri.
- Rodrigues, M. C. M. (2003). *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- Santos, I. A. (2003). *Variação Linguística em Espaço Rural - A vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego*. Imprensa Nacional -Casa da Moeda. Lisboa.
- Tagliamonte, S. (2012). *Variationist Sociolinguistics: Change, Observation, Interpretation*. Wiley-Blackwell Publishers.
- Teyssier, P. (1990). *História da Língua Portuguesa*. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.
- Trudgill, P. (1974). *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Trudgill, P. (1983). *On dialect: social and geographical perspectives*. Oxford, Blackwell.
- Vasconcellos, L. (1890-1892). *Revista Lusitana*. Volume II. Fascículo II. Livraria Portuense: Porto.
- Vasconcellos, L. (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 2ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra (1970). Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Vasconcellos, L. (1985). *Opúsculos*. M. A. V. Cintra (Org.). Volume VI – Dialectologia. Parte II. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Vigário, M. (2003). *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.